

## VLOG CIENTÍFICO E ARTIGO DE OPINIÃO: RELAÇÕES ENTRE ORALIDADE E ESCRITA

Amanda Bastos Souza<sup>1</sup>  
Beatriz Daruj Gil<sup>2</sup>

### RESUMO

O processo de passagem da fala para escrita é cercado pelas marcas de oralidade que frequentemente são encontradas em produções textuais de alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais). Quando se trata de um gênero textual escrito e de registro mais formal, essas marcas acabam sendo inadequadas, ao contrário de um gênero digital oral e informal, por exemplo, do qual são características. Nossa hipótese é que o letramento digital no cotidiano, durante e após o período pandêmico, interfere na escrita dos estudantes. Isso se dá, provavelmente, por desconhecerem os aspectos que caracterizam e diferenciam os gêneros. Em busca de respostas, aplicamos uma atividade didática aos alunos do 6º ano de uma escola municipal de Santana de Parnaíba - SP, baseada na proposta de sequência didática de Dolz e Schneuwly (2004), em que se compararam artigo de opinião e *vlog* científico produzidos pelos alunos com o objetivo de que refletissem sobre as particularidades, a composição e o estilo de cada um. Tendo em vista os pressupostos teóricos de Antunes (2012), Bakhtin (2016), Marcuschi (2010) e Rojo (2009), identificou-se nas produções escritas dos alunos a interferência de gêneros digitais orais, levando em consideração a relação entre as marcas de oralidade, a cultura e o letramento digital. Nos resultados preliminares pode-se perceber uma maior compreensão da relação entre oralidade e escrita que costuma ser reduzida à ortografia e truncamentos; o que facilitou o ensino das escolhas lexicais mais adequadas a cada gênero, de modo que os alunos possam transitar entre ambos. Esse contato efetivo pôde propiciar adequações ao texto escrito quanto às marcas de oralidade e quanto aos usos adequados da língua numa dada situação, pois para cada situação comunicativa, há objetivos diversos relacionados ao uso da escrita e da oralidade.

**Palavras-chave:** *Vlog* científico, Artigo de opinião, Letramento, Léxico.

---

<sup>1</sup>Mestranda do Curso Proletras da Universidade de São Paulo - USP, [amandabastossouza@usp.br](mailto:amandabastossouza@usp.br);

<sup>2</sup> Professora orientadora: doutora, Universidade de São Paulo - USP, [biagil@usp.br](mailto:biagil@usp.br).

O artigo é resultado de projeto de pesquisa de Mestrado.

## INTRODUÇÃO

Em sala de aula, encontra-se, hoje, uma geração de alunos inserida em uma cultura digital, isso traz reflexos percebidos em aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (Anos finais). Um deles é a reprodução, em textos escritos e de registro formal, do que parecem ser falas ouvidas e consumidas pelos discentes em vídeos, *vlogs* ou podcasts, disponíveis na internet. Essas reproduções configuram-se como marcas de oralidade inadequadas se tratando de gêneros textuais e de contextos diferentes. Conforme Bakhtin (2016), a língua é empregada por meio de enunciados, orais e escritos, que refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo por seu conteúdo temático, pelo estilo da linguagem e, principalmente, por sua construção composicional. Marcuschi (2010, p.15) aponta que “já não se podem observar satisfatoriamente as semelhanças e diferenças entre fala e escrita (...) sem considerar a distribuição de seus usos na vida cotidiana”.

Nesse sentido, a hipótese desta pesquisa é que o letramento digital no cotidiano, durante e após o período pandêmico, interfere na escrita dos estudantes, havendo, portanto, incidência, nas produções textuais escritas e formais, de enunciados semelhantes às expressões empregadas em gêneros digitais orais e informais. Isso demanda das escolas novas abordagens de ensino que incluam a cultura digital, Rojo (2012, p.27) afirma que “em vez de proibir o celular em sala de aula, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia”. Constitui-se a hipótese uma suposta e provisória resposta ao problema, cuja comprovação será verificada através da pesquisa com os alunos, tendo como referencial teórico Bakhtin (2016), Marcuschi (2010) e Rojo (2012).

Assim, foi aplicada aos 6º anos do Colégio Municipal André Fernandes, localizado em Santana de Parnaíba – São Paulo, uma atividade didática, baseada na proposta de sequência didática de Dolz e Schneuwly (2004), composta por três módulos que propõem produções de artigo de opinião, de vlog científico e atividade comparativa a fim de transitar entre os gêneros. O objetivo principal é o de contribuir para a reflexão e a compreensão, pelos alunos, das particularidades, da composição, das escolhas lexicais e do estilo de cada gênero; e para a identificação, pela pesquisadora, da possível interferência de gêneros digitais orais na escrita. Justifica-se, principalmente, pela necessidade de ensinar aos alunos escolhas linguísticas adequadas a cada gênero, inclusive os digitais, uma vez que, provavelmente, desconhecem os aspectos que caracterizam e diferenciam os gêneros.

O *vlog* científico é um gênero digital oral, em vídeo, que aborda temáticas diversas e tem a finalidade de divulgar os resultados de uma pesquisa e os conhecimentos científicos,

apresenta variedade de registro, sendo comum o uso do registro informal. O artigo de opinião é um gênero escrito, de caráter formal e argumentativo em que um autor expõe e sustenta seu ponto de vista para convencer seu interlocutor.

O ensino de léxico também foi focalizado, pois, segundo Antunes (2012), nas aulas de Língua Portuguesa, a dedicação atribuída ao estudo do léxico é breve e insuficiente, visto de forma secundária. Biderman (1998) destaca a necessidade de admitir que uma língua constitui uma forma de representação da realidade, sobretudo, o léxico. Ela também afirma que a dificuldade de estudar o léxico se deve ao fato de ser este um sistema aberto.

Para Antunes (2012), tanto o sistema lexical da língua quanto os contextos definem os sentidos das palavras, logo, elas são suscetíveis de sofrer variações dependendo das situações de interação. Bezerra (2000) defende uma perspectiva de ensino que favoreça a compreensão e uso efetivo das variações por meio de situações autênticas, em que os alunos percebam que há graus de formalidade tanto na modalidade falada como na escrita.

Quando discute sobre as dificuldades no uso adequado de vocabulário em textos escolares escritos, Bezerra (2000) reconhece que as atividades de vocabulário são reduzidas, mas dominar o léxico é necessário para a ampliação da capacidade de prever e/ou criar a coerência do texto oral ou escrito. Antunes (2012) aponta elementos que condicionam a seleção do vocabulário em um texto, entre eles destacam-se, para esta pesquisa, a modalidade de uso da língua, oral ou escrita, os textos escritos e os orais apresentam uma seleção vocabular distinta, embora tratem do mesmo tema e se dirijam aos mesmos interlocutores; e o nível de formalidade.

Bezerra (2000) expõe que a forma descontraída de escrever pode prenunciar mudanças na língua portuguesa. Com isso, a escola deve considerar ainda mais as variações linguísticas e as práticas sociais de leitura e escrita, contribuindo para a formação linguística dos alunos. “Entre as formações vernáculas neológicas numa língua, merecem referência especial as gírias. A gíria é uma criação popular que nasce da busca de maior expressividade”. (BIDERMAN, 1978, p.161)

Tanto a escrita descontraída, quanto as gírias, foram encontradas no *corpus*. Entretanto, nos resultados preliminares pode-se perceber uma maior compreensão da relação entre oralidade e escrita que costuma ser reduzida à ortografia e truncamentos; o que facilitou o ensino das escolhas lexicais mais adequadas a cada gênero, de modo que os alunos possam transitar entre ambos.

## METODOLOGIA

Apresenta-se como método o levantamento bibliográfico para leitura e aprofundamento temático pela pesquisadora; e a adoção de uma proposta de atividade didática, aplicada aos alunos do 6º ano de uma escola municipal de Santana de Parnaíba - SP, para atingir, através de produções textuais, cujo tema é “A transição do papel para o digital”, o *corpus* desejado. Assim, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa. A pesquisadora é professora da Rede de Ensino Municipal da referida cidade e a aplicação se deu durante a feira de ciências, artes e tecnologia, denominada CIARTEC, projeto fixo e interdisciplinar da escola. Como a pesquisa envolve coleta de dados com seres humanos, foi submetida à avaliação ética pela Plataforma Brasil e aprovada.

A proposta de atividade didática é composta por três módulos. O primeiro propõe a leitura e a produção de artigos de opinião, de modo individual. A segunda propõe a exibição e a produção de *vlogs* científicos, contendo etapas como roteiro e gravações, em grupos. A terceira e última etapa propõe, a partir das experiências anteriores, atividades de análise de fragmentos, reflexão e hipóteses relacionadas à comparação entre os gêneros e compreensão. Em todos os módulos busca-se atingir uma metodologia ativa na qual haja o protagonismo estudantil; e o ensino pragmático do vocabulário.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

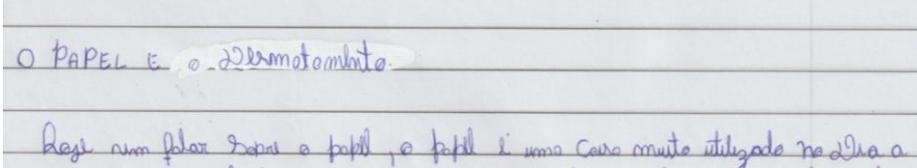
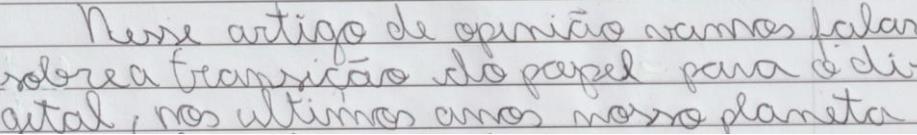
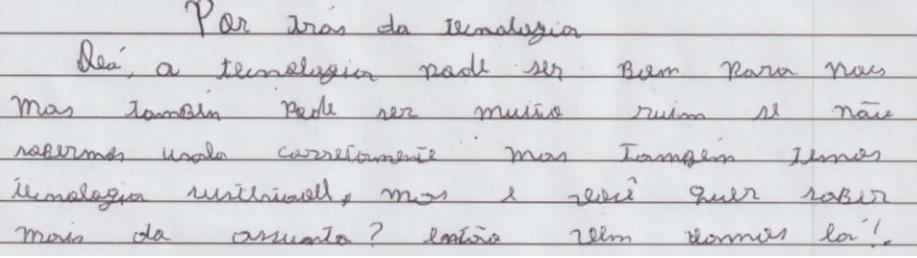
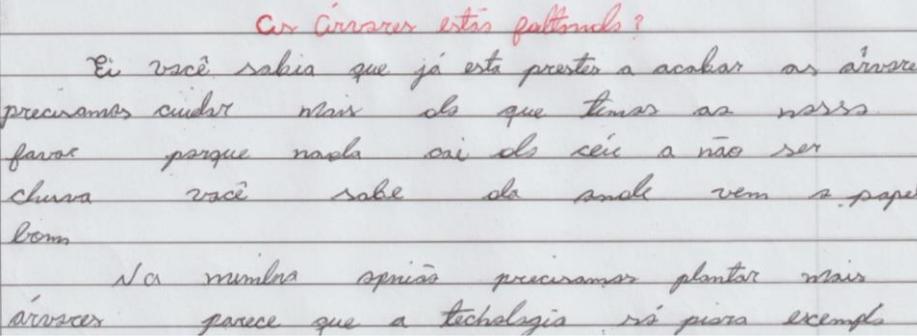
### 1. Dados coletados no artigo de opinião

#### 1.1 Marcas de interação e de oralidade

Na produção de artigos de opinião, a maioria dos alunos tentou se valer das perguntas retóricas visando convencer o interlocutor. No entanto, com a tentativa, produziram perguntas diretas similares a um diálogo, empregando, inclusive, o pronome “você” para marcar o interlocutor. Com isso, revelou-se uma marca forte da interação e do dialogismo, comum em gêneros digitais orais.

Além disso, algumas das introduções dos textos produzidos são muito semelhantes à abertura de *vlog* científico e outros tipos de vídeos da internet. Em alguns casos, os alunos escreveram, nas primeiras linhas, cumprimentos de saudação como “olá” e “ei” e utilizaram o verbo “falar” para dar início ao texto, em construções como as dispostas no quadro seguinte.

**Quadro 1.** Ocorrências de usos inadequados e expressões próprias de gêneros digitais orais dos alunos de 6º ano

	<p>“Hoje <u>vim falar</u> sobre o papel, o papel é <u>uma coisa</u> muito utilizada no dia a dia (...)” (A.S.)</p>
	<p>“Nesse artigo de opinião <u>vamos falar</u> sobre a transição do papel para o digital (...)” (E.F.)</p>
	<p>“<u>Olá</u>, a tecnologia pode ser bom para nós, <u>mas também</u> pode ser ruim se não soubermos usá-la corretamente <u>mas também</u> temos tecnologia sustentável, <u>mas e você</u> quer saber mais do assunto? <u>Então vem vamos lá!</u>” (S.T.)</p>
	<p>“<u>Ei você sabia</u> que já está prestes a acabar as árvores? Precisamos cuidar mais do que temos ao nosso favor porque <u>nada cai do céu a não ser chuva</u>. <u>Você sabe</u> de onde veio o papel? <u>Bom</u>, na minha opinião precisamos plantar mais árvores (...)” (R.C.)</p>

Fonte: Elaboração própria

Marchesi *et al.* (2021) esclarecem que a construção dos sentidos de um texto se direciona ao leitor que encontra-se inscrito no texto, de forma explícita ou implícita.

Há textos que incluem explicitamente o leitor, invocando-o a participar ativamente, dialogando com o texto. Incluir o leitor explicitamente no texto constitui uma estratégia utilizada por diversos produtores que visam a comprometer o leitor na construção dos sentidos, fazer com que ele participe efetivamente dela. (MARCHESI et al., 2021, p. 112)

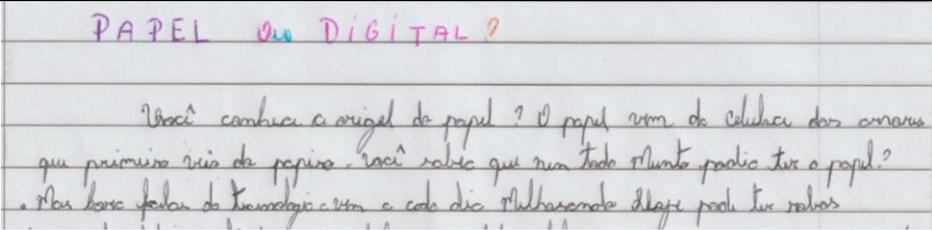
Os autores que estudam a produção textual para ambientes digitais confirmam essa perspectiva. Com isso, percebe-se, novamente, a influência de gêneros digitais orais na escrita dos estudantes do Ensino Fundamental no que se refere às marcas de interação explícitas replicadas nos artigos de opinião.

### 1.2 Escolhas lexicais

As escolhas lexicais indicam que a escrita, juntamente com as características tecnológicas desta geração, está permeada por vocábulos que permitem questionar se elas possuem relações com a fala e com os gêneros digitais orais.

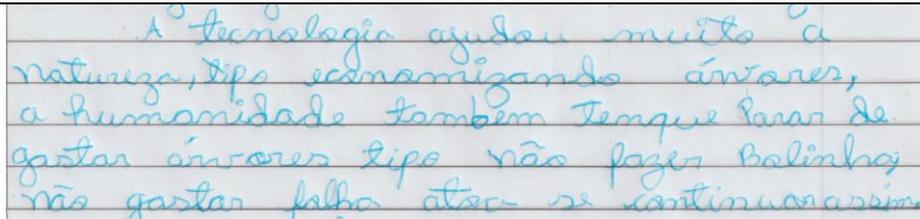
A escolha de vocábulos como “tá”, “bom”, “né”, “jaja”, das gírias “tipo” e “bora” e de expressões idiomáticas; o emprego constante da conjunção “mas” e do adjetivo “legal”; o uso da expressão “mais e mais” e do diminutivo “só um pouquinho” com a função de advérbios de intensidade, e de “uma coisa” como pronome demonstrativo; o uso da 1ª pessoa, característico em artigos de opinião, feito empregando “a gente” ao invés de “nós”; entre outros exemplos, totalizando trinta, revelam que, em todos os casos, há o caráter coloquial das escolhas que permitem afirmar haver, de fato, uma interferência externa nessas escolhas.

**Quadro 2.** Ocorrências de usos inadequados e expressões próprias de gêneros digitais orais dos alunos de 6º ano



PAPEL ou DIGITAL?

Você conhece a origem do papel? O papel vem da celulose das árvores que primeiro veio do papiro. Você sabia que nem todo mundo podia ter o papel? Mas bora falar da tecnologia.”



“A tecnologia ajudou muito a natureza, tipo economizando árvores, a humanidade também tem que parar de gastar árvores tipo não fazer bolinhas, não gastar folha a toa.” (L.F.)

**Fonte:** Elaboração própria

Biderman (1978) afirma que o léxico engloba todo o universo da significação e que a unidade léxica se faz dentro da gramática e da semântica de cada língua. Ela aponta critérios para delimitar e definir palavra, o fonológico, o gramatical e o semântico, revelando a importância de operar com os três simultânea e sucessivamente.

## 2. Dados coletados durante a atividade comparativa

Para elaborar a atividade comparativa, a professora utilizou fragmentos, retirados do artigo de opinião e do *vlog* científico produzidos, ambos se caracterizavam por apresentar marcas de oralidade, de interação, de informalidade e de expressões lexicais próprias dos gêneros digitais orais. Os fragmentos foram digitados e expostos de forma anônima por meio do projetor multimídia, e os alunos foram questionados, em discussão oral e coletiva, se tais trechos seriam mais adequados em um artigo de opinião ou em um *vlog* científico.

A professora solicitou aos alunos que enumerassem, oralmente, as diferenças percebidas entre os dois gêneros estudados, direcionando a discussão e a reflexão, por meio de perguntas, para aspectos específicos: a linguagem empregada, formal e informal, e as escolhas lexicais mais adequadas em cada gênero, alertando para o fato de que não há uma oposição entre oralidade e escrita, há gêneros tanto orais, quanto escritos, mais ou menos formais. Algumas manifestações dos alunos propondo hipóteses, durante o diálogo estabelecido, foram registradas para compor o quadro abaixo.

### Quadro 3. Manifestações orais dos alunos registradas pela professora durante a atividade

Prof.<sup>a</sup>: O que tem de diferente entre os dois gêneros?

Aluno F.G.: As palavras.

Aluno K.S.: A linguagem.

**Fonte:** Elaboração própria

Em outra aula, a mesma atividade foi aplicada, porém, na modalidade escrita, individualmente e utilizando outros fragmentos, a fim de identificar e avaliar, com o término da atividade, o nível de compreensão atingido pelos alunos a respeito da adequação dos discursos em diferentes gêneros. As duas turmas totalizaram aproximadamente 79% de acertos, tais dados estatísticos revelam um resultado significativamente positivo, embora não unânime.

De modo geral, houve o deslocamento do foco da professora para os alunos, abrindo espaço para o levantamento de formulação de hipóteses. Dessa forma, as atividades se configuraram como epilinguísticas, em que juntos, professora e alunos, puderam operar com a linguagem, conversar sobre as escolhas lexicais, seus efeitos de sentido e suas adequações considerando os diferentes gêneros, oral e escrito, e seus contextos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os pressupostos teóricos de Antunes (2012), Bakhtin (2016), Marcuschi (2010) e Rojo (2012), identificou-se nas produções escritas dos alunos a interferência de gêneros digitais orais, levando em consideração as ocorrências encontradas, e a relação entre as marcas de oralidade, a cultura e o letramento digital.

Espera-se que a pesquisa tenha contribuído para impulsionar as reflexões a respeito da interferência de gêneros digitais orais na escrita, uma vez que, certamente, com o avanço tecnológico haverá o surgimento de outros gêneros digitais incorporados ao cotidiano. A contribuição também pode estender-se no sentido de dialogar com outros docentes da educação básica, visto que é importante a adição de práticas no dia a dia escolar e o desenvolvimento de estudos voltados para os gêneros digitais, sua relação com a interação, a leitura e a escrita dos estudantes do Ensino Fundamental (Anos finais).

Grande parte os alunos compreenderam as diferenças entre os gêneros estudados, principalmente de repertório vocabular, refletindo sobre os usos adequados da língua numa dada situação. Também houve maior compreensão da relação entre oralidade e escrita, que costuma ser reduzida à ortografia e truncamentos, ou seja, obteve-se um resultado exitoso no que se refere as adequações ao texto escrito.

Por fim, espera-se que os alunos se apropriem dos conhecimentos, uma vez entendido que determinadas escolhas lexicais são típicas de gêneros digitais orais, não escritos, para que essa intervenção pedagógica em Língua Portuguesa tenha de fato contribuído com a formação discente.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. Organização, tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Sergei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Dificuldades no uso adequado de vocabulário em textos escolares escritos. In: LEFFA, Wilson J. As Palavras e Sua Companhia: o léxico na aprendizagem das línguas. Pelotas: EDUCAT, 2000.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 2, p. 81-118, 1998.
- DOLZ, J. ; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Gêneros Oraís e escritos na escola. Trad. e org. ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.
- MARCHESI, Sueli Cristina et al. O gênero digital artigo de divulgação da ciência para crianças: plano de texto, interação e interfaces para o tratamento da leitura e da escrita. Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 15, n. 31, p. 105-125, 2021.
- MARCUSCHI, L. A. Da fala para escrita: atividades de retextualização. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.